O Instituto e a Obra Cultural do General Teles Pinheiro (*)

Joaryvar Macedo

No defluir da existência de cada um, ocorrem, por vezes, instantes verdadeiramente transcendentais. E, antes de mais nada, faço questão de confessar que experimento um desses raros momentos, ao adentrar-me no Instituto do Ceará — Histórico, Geográfico e Antropológico — onde ora me emposso na condição de membro efetivo.

É bem verdade que não sou nenhum estranho a esta casa nem ela a mim. Muito ao revés. Efetivamente, desde o ano de 1971, quando a visitei pela primeira vez, mesmo habitante do Cariri, jamais deixei de freqüentá-la, de achar-me envolvido na sua atmosfera e em proveitoso contacto com os peregrinos da cultura que nela mourejam. Aqui me inspirei não só para a fundação do Instituto Cultural do Vale Caririense, mas também para conduzi-lo ao longo de nove anos.

De início, seu freqüentador, algo mais, membro-correspondente e, posteriormente, honorário, cada vez mais se me ampliou, irreversivelmente, a noção da grandeza do Instituto do Ceará.

Segundo meu entendimento, por razões de tal ordem, ao passar a integrar-lhe o rol dos membros efetivos, cumpre-se tão-somente uma formalidade, despojado, porém, esse entender de qualquer vestígio da menor presunção.

Assumo a investidura com a convicção plena, que de muito me domina, de ser o Instituto, aliás, a mais antiga den-

(*) Discurso de posse, como sócio efetivo do Instituto do Ceará, aos 22.02.88.

tre quantas sociedades de ciências ou letras, no Ceará, existem, um sodalício, onde, para mencionar apenas os timoneiros de antanho, a dimensão do nome de Paulino Nogueira formou um ambiente que exige respeito, e ao qual os lampejos da inteligência de Tomás Pompeu e de Pompeu Sobrinho conferem mais lustre, e a perenidade da lembrança do Barão de Studart reveste de silêncio. Um ambiente, onde o labor intelectual de todos os demais membros desta casa, no decorrer da sua já longa trajetória, desde sua fundação, há pouco mais de um século, a esta parte, outorga-lhe o renome de mais respeitável manifestação cultural em terras cearenses.

Positivamente, se neste cenáculo, sob a mais segura diretriz cultural e à luz das idéias modernas, se estuda, prioritariamente, a História, a Geografia e a Antropologia, igual dedicação se verifica, no referente às ciências correlatas, notadamente no tocante a este grande Estado.

Faz bastante tempo, já afirmava Oliveira Viana: "O estudo da História, abrangendo hoje todas as capacidades, pede a colaboração de todas as ciências: as ciências da natureza, as ciências do homem, as ciências da sociedade... Equivale dizer que o mais simples fenômeno histórico exige para sua exata compreensão os subsídios de todas as ciências naturais, de todas as ciências antropológicas, de todas as ciências sociais."

Esse tipo de estudo, conforme, há um século, vem comprovando a revista do Instituto, bem como suas demais publicações, tem sido, a olhos vistos, objeto das preocupações dos seus conspícuos componentes, firmando no País e além dele, sólido e indiscutível conceito da nossa cultura provinciana. Um conceito, por conseguinte, lastreado no imperecedouro monumento de uma obra de valorização nacional, librada, inquestionavelmente, na probidade científica.

Esta instituição distingue-se qual núcleo de aprimoramento cultural, qual templo onde paira a aura vital dos ambientes adequados à realização e expansão dos pendores para as altas perquirições, reflexões, análises e interpretações dos acontecimentos, das ações, dos cometimentos, dos ingredientes, em suma, formadores da urdidura histórica. Daí, sua centenária marcha luminosa e a opulência da sua obra cultural, compreendendo as diferentes áreas das ciências humanas.

Eis, senhor Presidente e senhores membros do Instituto do Ceará, a consciência nítida, que, dentro em mim, trago

desta casa, aonde chego feliz, à semelhança do viajor, a quem surpreende uma sombra acolhedora e amena à borda de longo e ensolarado caminho. Aonde chego feliz, repito, estreme, contudo, de qualquer laivo de ufania, senão acoimado pela percepção das minhas próprias limitações. E, se entro para este convívio sem discutir a questão do mérito, em profundo respeito a vosso veredicto, esta postura, entretanto, se não deve, em absoluto, interpretar como desconhecimento da generosidade da vossa atitude.

A propósito, lembro palavras, não há muito proferidas pelo historiador Raimundo Girão, no respeitante ao ingresso nesta sociedade. Tendo-se, conquanto por modéstia, quiçá como exceção a seu asserto, enfatizou ele que, a partir mesmo da fundação, no Instituto do Ceará, "as atividades específicas se caracterizam pela perseverança e lisura das pesquisas, pelo cuidado das conclusões e a superior austeridade de seus procedimentos dentro do formoso contexto da cultura mental deste nosso rincão, tão bem batizado de terra de sol, de terra da luz." E, incisivo, acrescentou: "Esta seriedade de procedimento se adensa quando ele se vê na contingência de trazer alguém para a integração de seu quadro social, hoje composto de 40 membros. O cadinhamento é exigente e severo e, por isso, não erra, nunca errou na exata preferência do candidato a uma de suas cadeiras. Para aqui somente é aclamado quem, na verdade, apresenta ou representa aquele verdadeiro mérito axiomático, incontestável." Em remate a suas judiciosas observações, garantiu o presidente de honra desta casa: "Basta o fato de penetrar, assim bem examinado, os umbrais desta mansão do saber para configurar, sem mancha de dúvida, o mérito puro de quem entrou."

Malgrado o supremo respeito que merece o venerando autor de tais afirmações, malgrado a profundeza do seu pensamento, malgrado o acatamento devido à superior decisão dos partícipes desta assembléia, jamais teria como não me curvar, soberanamente reconhecido, ao cativante rasgo de generosidade, que traz para este regaço o modesto pesquisador sul-cearense, de vivência quase toda caririense — com supina honra, praz-me assegurá-lo — e que, oriundo do Cariri, tomou aquela região por tema preferido dos seus despretensiosos estudos. "Aquele que vem da terra é da terra e fala da terra", já o ensinara São João, o evangelista.

Minha curiosidade no atinente aos assuntos do meridional cearense, pelos quais sempre nutri particular, irredutível

e natural apego, decorrendo disso a elaboração de diversos pequenos trabalhos, me tem ensejado o acesso a algumas notáveis corporações científicas e/ou literárias. Nunca, todavia, as requestei, não apenas por formação e índole, senão ainda pela persuasão das minhas deficiências.

Ao se me abrirem espontaneamente, portanto, as seculares e ilustres portas do Instituto, onde ontem se sentaram, como hoje se sentam, inteligências cearenses as mais robustas, posso, de fronte erguida, afirmar que minha candidatura a uma vaga surgida proveio, precisamente, da iniciativa de grande parte dos seus distintos membros.

Estai certos, senhores do Instituto do Ceará: esse gesto franco, acolhedor, fraterno, sobremodo sensibiliza, mas, principalmente, responsabiliza muito o caririense, ora, por nímia bondade vossa, detentor de tão elevada distinção, e para quem um pensamento está a cavaleiro: emprestar seu concurso, nada obstante de pouca monta, à obra que realizais, procurando, destarte, corresponder a vossa confiança.

Neste grato ensejo, sentir-me-ia bem em ressaltar algumas das circunstâncias, para mim muito caras, especiais e altamente significativas, realçando meu ingresso no quadro principal desta agremiação.

Recentemente esta entidade, através do Simpósio Nacional de História, Geografia e Antropologia, que se revestiu de alto êxito, encerrou a programação cultural levada a efeito, em meio a bastante brilhantismo, em ordem a comemorar o primeiro centenário da sua criação, ocorrida aos 4 de março de 1887. Bem entrado, pois, este glorioso Instituto no ano inaugural da sua segunda centúria de benemérita atuação, posso fruir o subido privilégio de ser, na sucessão inexorável do tempo, o primeiro membro efetivo do seu segundo século de existência.

Muito me apraz, outrossim, começar de partilhar do aludido quadro, na gestão do professor Antônio Martins Filho, como, há alguns anos, me aprouve tomar assento na Academia Cearense de Letras, sob a presidência do seu irmão, professor Cláudio Martins. A ambos vinculam-me fortes liames, a partir das nossas comuns origens caririenses, no antigo e quase trissecular engenho de Santa Teresa, um dos pioneiros na velha freguesia de São José das Minas dos Cariris Novos. E, se faço questão de que neste momento solene venha à baila esta referência, é porque descendo de uma espécie, hoje, deploravelmente, em extinção. Sou daqueles — não me pejo de declarar, alto e bom som — sou daqueles que cultivam, com

diligência, como um dos mais nobres sentimentos da alma humana, a gratidão e o reconhecimento.

Ademais, sobremaneira me esvanece o suceder, nesta corporação, ao general Raimundo Teles Pinheiro, originário do sul do Estado, donde, por igual, procedo.

Em que pese à distância de idade, velha amizade nos levava a comentar, quando em quando, nossas afinidades: a mesma região do berço, o mesmo tronco familiar — radicado no território cratense, mais exatamente no histórico engenho do Moquém, onde viram a luz do dia seu antepassado, o leal e intimorato monarquista, brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, e a irmã deste, Caetana Perpétua, minha ancestral —, o mesmo educandário — o vetusto Seminário São José do Crato, de gloriosas tradições —, a identidade, enfim, no gosto pelos estudos históricos.

Enfocar um pouco, dado que muito não permitem os lindes de uma oração de posse, a figura insigne do inolvidável general Teles Pinheiro ou sua obra de cunho cultural, é-me, pois, tarefa essencialmente agradável.

Raimundo Teles Pinheiro, cearense do Crato, historiador, general do Exército Nacional, comandante do CPOR, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar de Fortaleza, chefe do Estado-Maior da 10ª Região Militar, bem assim das subseções de Estatística e História e da de Geografia da 5ª Seção do Estado-Maior do Exército, chefe do Departamento Geral de Administração do mesmo Exército, representante do Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia, comendador da Ordem do Mérito Militar, cidadão honorário de Fortaleza.

Eis o homem a quem, supernamente honrado, sucedo nesta casa, para cujo bom andamento concorreu, pela assiduidade às sessões, pela participação nas suas atividades, pelos estudos desenvolvidos.

Bastante moço ainda, iniciou-se o digno cratense na elaboração de trabalhos escritos, publicando-os em jornais e revistas, mister que, ao perpassar dos dias, se intensificou, e no qual se lhe revelaria a inclinação para os fenômenos históricos, mormente os da crônica militar, brioso oficial das nossas Forças Armadas que era. Meia dúzia de obras arrola sua bibliografia, na quase totalidade, reunindo plaquetas e, em geral, os vários estudos dados a lume, esparsamente, além de alguns inéditos.

Seu *Esboço Histórico do Crato* condensa informes imprescindíveis ao conhecimento do processo evolutivo da

cidade, da comuna e da própria região, onde abriu os olhos para esta vida. Trata-se da exposição de um encadeamento cronológico, conglomerando datas e fatos marcantes, partindo do ano de 1738, quando o Cariri ainda ensaiava passos na sua nucleação social, e atingindo até a década de 50 do vigente século.

No supracitado relato, em torno de acontecimentos notáveis, de mistura com personagens salientes, avulta o Cariri, teatro de lutas armadas, palco de decisivos movimentos de ordem político-militar, tablado de pugnas libertárias, cenário de manifestações dos ideais de emancipação, celeiro de bravos e de heróis, berço de grandes cerebrações. Na precitada exposição, sobretudo e a cada passo, assoma o Crato, tradicional e aristocrático, uma das mais antigas localidades do Ceará meridional. Assoma o Crato a outrora missão ou aldeamento do Miranda, fundado no brejo de idêntico nome pelo religioso capuchinho italiano, frei Carlos Maria de Ferrara, primeira vila e primeira cidade da região. Assoma o Crato, sede, no interior cearense, da primeira comarca, do primeiro estabelecimento de ensino secundário sistematizado, do primeiro curso superior e do primeiro bispado. Assoma o Crato, cidade *mater,* metrópole do Cariri.

Sobre isso, a cronologia em referência expressa a cabal comprovação do acrisolado amor do caririense e cratense autêntico ao chão fecundo e belo do seu nascimento, onde "se criou livre, ouvindo o farfalhar dos canaviais virentes", amor que, invariavelmente, proclamava onde quer que se encontrasse. Neste particular, expandia-se o general Teles Pinheiro em manifestações desse teor: "Perdoa-me, Pátria adorada, quero-te demasiadamente em todas as tuas polegadas de terreno: do marco da serra do *Caboraí* — na linha divisória com a Guiana Inglesa — à curva do Sul do arroio *Chuí* — divisória com o Uruguai. De *Ponta de Pedras,* no *Cabo Branco,* ao marco da serra de *Contamana* — na divisória com o Peru — e, em defesa de qualquer delas, da nossa religião, das nossas tradições, das nossas liberdades, derramarei o meu sangue, se necessário for, como jurei solenemente..., mas esse pedacinho de chão do ubertoso *Cariri* tem um cheiro e um sabor característicos, que me atraem, me seduzem e me fascinam."

A mesma acendrada afeição do general Teles Pinheiro à formosa gleba natal, bem como a sua gente, o impulsionou a perlustrar os caminhos emaranhados das perquirições genealógicas e dessa acuidade investigadora resultou um estu-

do acerca da sua linhagem, que, enfeixado com dois outros da autoria de Vinicius Barros Leal e Eduardo de Castro Bezerra Neto, constituem a obra titulada *Os Bezerra de Menezes*. Sem dúvida, uma contribuição de peso a nossa história genealógica. Nela esmiuçam-se, elucidam-se e definem-se as origens dessa numerosíssima estirpe, sua fixação no habitat cearense e os ramos em que se tripartiu em regiões diferentes do nosso Estado.

Em Estudos Histórico-Militares e Outros Temas se nos depara o mais alentado título do general Teles Pinheiro. Aqui opera ele no campo predileto das suas lucubrações. Precisamente neste terreno repousa a maior parte da produção do brilhante oficial do Exército, empolgado pela história militar.

Nas quase trezentas páginas do mencionado volume, salvo em alguns trabalhos de natureza outra, afloram, em concisas narrações, episódios e figuras de relevo, nesse tão expressivo e rico setor da história pátria. A só indicação de temas, como o heroísmo de Maria Quitéria, as invasões francesas e holandesas, a bravura de Sampaio e Caxias, os recontros de Tuiuti e Riachuelo, a coragem indômita de Tibúrcio, entre tantos outros textos, pontos de convergência das suas abalizadas reflexões e honestas interpretações, se me afigura suficiente para a corroboração das suas preferências no âmbito dos estudos. Nestes, visíveis, constantemente, as curiais e modelares lições de civismo, candente e puro, de empenho na defesa das nossas tradições, na exaltação dos valores autênticos e na preservação da consciência nacional.

Esse o comportamento exemplar do militar historiador, que dignificou as armas, guardando, perenemente, viva a consciência do homem da caserna, do soldado da Pátria, assimilada e forjada no decurso da sua preparação.

Semelhante conduta projetava-lhe a incondicional fidelidade à vocação abraçada, a irrestrita lealdade ao Exército, que, a toda a luz, era sua verdade mesma, para com a qual se manteve, de contínuo, em atitude de rigorosa observância. A chama desse iniludível ideal, conduzida consigo para o silêncio perenal do túmulo, ele a conservara acesa, incessantemente, qual fogo sagrado, no templo do seu espírito vigilante. Foi, irretorquivelmente, por força desse ideal supremo que o general Teles Pinheiro se transfez num fascinado pela história militar.

As páginas dos seus *Retalhos Genealógicos e Outros Retalhos* compõem um repositório de informações as mais seguras em torno de ocorrências do passado, de algumas das

quais, na condição de militar, compartiu, e de pessoas com quem conviveu. Além da ampliação e atualização de pesquisas anteriores, no domínio da genealogia, o que, plenamente, justifica a epígrafe da coletânea, o general Teles Pinheiro exara, em curiosos depoimentos, evocações da sua vivência, com ênfase para aquelas relativas a sua carreira. Tratando da Revolução de 30, do sentido do 7 de Setembro, da atuação de Floro Bartolomeu da Costa e de alguns outros assuntos enriquecedores, pôde ele oferecer mais uma publicação de valor na esfera da historiografia.

O trato de questões desse jaez, do seu particular agrado, prossegue na obra intitulada *Fiapos,* constituindo-lhe boa porção do conteúdo. Quanto ao mais, o livro registra as memórias do nosso general, donde emergem, através de narrativa despretensiosa, singela, espontânea, os lances mais evidentes do seu itinerário, de envolta com expressivos eventos locais, regionais e nacionais.

De ajuizamento acerca dessa obra, assinado por Vinicius Barros Leal, destaco um excerto sublinhando a retidão de propósitos no concernente à elaboração. Estas, as formais asserções do citado comentarista: "Muitos fatos aqui narrados foram escritos com bases seguras de anotações pessoais do autor, feitas na data mesma do acontecimento. Isto oferece uma segurança absoluta na informação, pois o fato foi descrito tal como se deu, sem qualquer preiuízo que a distância ou a impressão poderiam manifestar. Esta contemporaneidade do registro garante a exatidão do que foi relatado. As narrações, certamente, estão aqui escritas sem outro sentido senão o de passar aos amigos e outros leitores a observação desapaixonada do acontecimento e da época..."

Mais um livro do general Teles Pinheiro, epigrafando-se *Fragmentos,* e atermando-lhe a relação dos títulos, focaliza, à feição dos anteriores, importantes momentos e passagens da nossa história, cuja interpretação enseja um mais completo conhecimento dos fatos. Em trecho do prefácio que tive a honra de redigir, tentei sumariar, de certo modo, os enfoques contidos nos variegados segmentos da obra. Expressei-me, então, pelo seguinte: "Preocupado sempre em divulgar, informando, seguramente, acerca de acontecimentos históricos, eis que novamente sai a público (o general Teles Pinheiro), desta feita com sete trabalhos reunidos, intitulados *Fragmentos.* Todos eles proporcionam ao leitor, com muita lucidez, informações preciosas, transmitidas por quem se voltou, com seriedade, para o estudo de fatos da nossa história regional. Na sín-

tese *A Independência no Ceará — Rebeldias Republicanas de 1817 e 1824,* encontra-se um relato minucioso e preciso do que foram, o que significaram e como se desenrolaram as rebeliões de 17 e 24, além de dados respeitantes à vida, à obra e, sobretudo, à atuação, nesses episódios revolucionários de três figuras de prol: José Pereira Filgueiras, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e Bárbara Pereira de Alencar. No estudo sobre *João Sorongo,* relembrados Caxias, Sampaio e Tibúrcio, assoma nosso "boêmio herói", denodado e intimorato voluntário da Guerra do Paraguai, que perdeu a vida, bravamente, no campo de batalha. Outro relato se nos depara no capítulo *Guerra do Pinto,* narrativa do movimento armado, desencadeado no Cariri cearense, aos primeiros anos da década de 1830, chefiado por Joaquim Pinto Madeira e mentoreado pelo vigário Antônio Manuel de Sousa. Interessante, também, o trabalho focalizando a "Guarda Nacional", oferecendo ao leitor importantes achegas referentes à criação, à constituição e ao papel desempenhado por essa notável corporação, que prestou assinalados serviços no Império e no início da República. Em *Cooperação do Ceará à Independência do Piauí e do Maranhão* o autor põe em relevo o concurso do Ceará na libertação das duas províncias irmãs."

Eis aí, nessas indicações, um conciso transunto da meritória obra cultural, da apreciável produção da inteligência do general Raimundo Teles Pinheiro, que, mercê da sua valiosa contribuição a nossa historiografia, empalmou um lugar no contexto da intelectualidade coestaduana.

Confesso-me, afinal, sobremaneira grato e sumamente honrado em penetrar o átrio desta respeitável casa do saber, para ser recepcionado pelo calor da mensagem amiga do professor Geraldo da Silva Nobre, refletindo, acima de tudo, a grandeza d'alma de quem a transmitiu. Ser saudado, em nome do Instituto, por este cidadão de belas qualidades de espírito, por este percuciente pesquisador, por este historiador de nomeada, por este operoso, fecundo e fulgurante trabalhador intelectual, que engrandece sua terra, dignifica seu povo e lustra a inteligência cearense, considero um verdadeiro prêmio.

Ainda, a quantos a esta solenidade se fazem presentes, sou sinceramente reconhecido, pela cativante demonstração de apreço e amizade.